



a carcaça trans racializada y a vida
abigail Campos Leal

6



INSTITUTO
TEMPORÁRIO
DE PESQUISA
SOBRE CENSURA

CASA 

a carcaça trans racializada y a vida¹
abigail Campos Leal²

a existência é um tecido misterioso através do qual o impossível se manifesta, irrompe, brota, de maneira inesperada. Em “Os Corpos e a Polícia” e/u me encontrei, me reencontrei, ou melhor, fui atravessada pela *carcaça trans racializada y a vida*. Aquilo que era pra ser o arquivo da nossa morte, a memória de uma sentença, numa reviravolta misteriosa, elíptica, elapsa, testemunha de forma inegável o enunciado, as inscrições que, por todo lado, brotam como o sintoma da transmutação de uma época: **as vidas (racializadas) que fogem do binarismo de gênero y da heterossexualidade compulsória são inaniquiláveis!** isso se fareja.

no fim dos anos 1970, a região do centro de São Paulo já borbilhava em depravações alegres. Repletas de cardumes de bichas, manadas de travestis, enxames de caminhoneiras, matilhas de transmasculinos y de uma fauna pervertida infinitante, inominável, as ruas sujas do centro tornaram-se palco de um ajuntamento inaudito: performances, prostituição, espetáculos, sobrevivência, akuendação y construção de laços onto-sexuais. Uma fauna retirante y racializada, é preciso ainda marcar, de corpos migrantes (Nordeste, Norte y alhures) y de carnes pretas, indígenas, de carcaças violentamente (para recuperar Fred Moten) aposicionadas na lama parda, no esgoto mestiço. Nessa mesma época, entretanto, o centro passou a ser alvo também de operações policiais organizadas institucionalmente pelo Estado (y aqui me refiro tanto ao estado de São Paulo quanto a nação Brasil) para perseguir, prender y exterminar toda essa movimentação densa y escura de vidas desertoras da cisheterossexualidade. *Operação Limpeza*, *Operação Pente Fino* y a mais célebre y fúnebre de todas, *Operação Tarântula*, foram algumas dessas operações de extermínio que, na sua composição semântica, já anunciavam a desumanização, bestialização y higienismo ontopolítico como estratégias, tanto discursivas quanto materiais, por parte da branquitude cisheterossexual, para legitimar y levar a cabo a aniquilação racista anti-lgbtqia y anti-trans, especificamente. Sim! Eles nos prenderam y nos torturaram de inúmeras formas, nos fizeram sentir vergonha dos nossos corpos y desejos, eles nos humilharam y espezinharam em praças públicas, eles nos encarceraram y debocharam da nossa arte,

1 Este texto foi comissionado pelo Instituto Temporário de Pesquisa sobre Censura, projeto da Casa 1, para a exposição Orgulho e Resistências: LGBT na Ditadura em exibição no Memorial da Resistência de São Paulo. Foi desenvolvido por abigail Campos Leal em dezembro de 2020 a partir do eixo “Os Corpos e a Polícia” da mostra, composto por uma série de fotografias do Arquivo Público do Estado de São Paulo com retratos de pessoas trans e travestis que documentam, sobretudo, a repressão sistemática à estas comunidades durante a ditadura. Para mais informações: <https://institutotemporario.casaum.org>

2 abigail Campos Leal cria sua arte, seu pensamento y sua ação política entre os terrenos da poesia y filosofia. sua produção visa questionar y abalar a ordenação colonial do mundo y suas estruturas (o Binarismo de gênero, a Heterossexualidade compulsória, o Racismo y a Racialização, o Eurocentrismo, a dominação política pelo Estado, o Capitalismo, a Colonização, o Especismo y o Ecocídio...) y, aí mesmo, possibilitar novas formas de imaginar y habitar o mundo diferentemente. é uma das organizadoras do Slam Marginália, uma competição de poesias faladas, feitas por y para pessoas trans, que acontece na São Bento desde 2018. Lançou esse ano seu livro de estreia “*escuirendo: ontografias poéticas*” pela editora O Sexo da Palavra. Possui mestrado em Ética Aplicada pela UFF, em Filosofia pela UFRJ y atualmente faz doutorado em Filosofia pela PUC-SP. No primeiro trimestre de 2021 lança seu primeiro livro de ensaios “*ex/orbitâncias: os caminhos do comunitarismo y da deserção de gênero*” pela GLAC Edições.

dos nossos deuses, eles nos mataram aos montes! Isso tudo está arquivado, não só no Arquivo Público do Estado de São Paulo, mas em cada esquina fétida do centro dessa cidade, no revoar lindamente sujo das pombas na Praça da Sé y no pulular das galerias subterrâneas repletas de ratos y baratas, em cada apartamento *fancy* de Higienópolis ou de Perdizes, em cada cantinho ínfimo dessa cidade, as marcas dessa *violência anti-trans* reverberam de um lado ao outro, arquivando-se sincopadamente na arquitetura y na geografia desse grande cemitério que é também uma locomotiva descarrilhada. *isso se ouve.*

mas o que era pra ser a documentação do extermínio, da limpeza, do controle, revelou-se o arquivo da vida que sobrevém, misteriosamente! O registro das humilhações, dos encarceramentos y das mortes, levadas a cabo pelo Estado (São Paulo, Bra\$il), sob posse do Arquivo Público do Estado de São Paulo, curado por mãos brancas, contraditoriamente, possibilita uma arte escura da vida. y aí, e/u me reencontrei com a desrostidade das travestis pretas, despicumadas, y ainda assim belíssimas. O olhar fugidio grafa uma resistência crespada, que não anula as placas, a tentativa cis branca da numeração da PMSP que arrasta consigo o fedor da SS do Terceiro Reich, mas que ainda assim são aberturas, possibilidades. Dizem que toda foto é um espectro. Acho que essas fotos são espíritos. espíritos de bichas, sapas y travestis, muitas delas pretas, que habitam a presença de uma outra forma. 4, 5, 16, 17... Quando a dor de um rosto revela a despersonalização, é também o mistério da vida que se arquiva precariamente. O que escapa nesses olhares indecifráveis é o próprio controle, a norma, a ordenação colonial dos corpos, dos gestos, dos desejos, que não se fazem totais nem mesmo no momento, no registro exato da dor. 18, 13... Porque um sorriso também pode esconder mais do que mostra. y e/u tento ouvir o que esses rostos calados cantam, murmuram. O abraço da camaradagem preta foi sempre testemunha de humilhações racistas y transfóbicas, sempre soube que estavam atados, selados, não só nessa exposição, na ordenação dessa exposição, mas no próprio tecido da vida. e/u sinto ecoando em m/im a fuga desses olhares, que apontam para desejos de vinganças trans pretas extravagantes, como quem diz: *“você me paga, seu desgraçado! Vocês vão ver! Todos vocês!”*

apesar da enumeração estatisticada anti-trans, anti-preta y anti-indígena, apesar de um plano concreto y executado de aniquilação colonial, apesar do arquivamento das humilhações y da dor, apesar das mãos fetichistas que curam a desrostidade espiritual trans preta numa ordenação fria, que retém ainda o akué y lucra com a nossa morte, exposta ao espetáculo, apesar disso tudo, é a **vida** que sobrevém como o arquivo impossível. essas foto-grafias inscrevem, no lugar mesmo da dor y da violência colonial, o intraduzível desejo de vida y de abolição que as carcaças racializadas trans de ontem, de hoje y do amanhã, emaranhadas, anunciam. Em cada revoada de pombas mutantes, em cada muro pixado y mijado das periferias, em cada banheiro sujo onde não só se mija y caga, em cada esquina que é também pontos, pintas, no grande mar onde a vida primeiro brotou, no Vale do Anhangabaú, no Mangue do Peixe-Boi, no Largo do Arouche, nas encostas escarpadas da Baixada Santista, no cu perfeito do altiplano central, *nossas-vidas-malditas-se-manifestam-umas-nas-outras*” (embaralhando o que diz Jota Mombaça), no emaranhado infinito de tudo que foi y será. Nós somos o *anúncio*, o registro misterioso dessa *profecia* sombria: **as vidas (racializadas) que fogem do binarismo de gênero y da heterossexualidade compulsória são inaniquiláveis!**